

Bachelard, imagem e criação: uma análise da poesia primitiva e visceral de Lautréamont

Bachelard, image et création: une analyse de la poésie primitive et viscérale de Lautréamont

Marly BULCÃO

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O objetivo do trabalho é procurar compreender o verdadeiro sentido do poema *Os Cantos de Maldoror*, escrito por Isidore Ducasse sob o pseudônimo de Conde de Lautréamont, assim como a noção de imaginação que emana dos versos ducassianoa, retomando para isso, a análise do poema feita por Bachelard em seu livro intitulado *Lautréamont*. Dois aspectos que constituem, a nosso ver, pressupostos essenciais da poética bachelardiana vão servir de diretrizes de nosso estudo. Trata-se da noção de tempo como instante e da noção de imaginação material. Acreditamos que estes dois pontos vão contribuir para uma compreensão mais profunda do significado do poema, assim como, vão nos conduzir à verdadeira concepção de imaginação, uma imaginação que deve se libertar do jugo da representação e da realidade sensível. O Conde de Lautréamont nos ensina como, por meio de uma poesia muscular, agressiva e nervosa, é possível viver os instintos primitivos e o tempo convulsivo e ritmado que habita nas profundezas da consciência humana.

Palavras-chave: Bachelard, criação, imagem.

Resumé

Le but de ce travail est de essayer à comprendre le vraie sense du poème *Les Chants de Maldorore*, écrit par Isidore Ducasse sous le pseudonyme de Comte de Lautréamont, ainsi que la notion d'imagination qui émane des vers ducassiens, en reprenant, pour ce faire, l'analyse du poème fait pour Bachelard dans son livre intitulé *Lautréamont*. Deux aspects qui, constituant, à nos yeux, des présupposés essentiels de toute la poétique bachelardienne vont servir ici de directrices de nos étude. Il s'agit de la notion de temps comme instant ainsi que celle d'imagination matérielle. Nous croyons que ces deux points vont contribuer à la compréhension plus profonde du signifié du poème, ainsi comme ils vont nous amener à la vraie conception d'imagination, une imagination qui doit se libérer du joug de la représentation et de la réalité sensible. Le Comte de Lautréamont nous enseigne comment, par le truchement d'une poésie musculaire, agressive et nerveuse, il est possible de vivre les instincts primitifs et le temps convulsif et rythmé qui habite dans les profondeurs de la conscience humaine.

Monts-clé: Bachelard, création, image.

O poema *Les Chants de Maldoror* que Isidore Ducasse escreveu sob o pseudônimo de Conde de

Lautréamont nos arrebatava com força e vigor, incitando a curiosidade e nos levando a indagar sobre o verda-

deiro sentido e significado de seus versos. A narrativa das ações transgressoras e dos atos de crueldade vividos pelo personagem, revelam de forma inteiramente original a primitividade e a espontaneidade do instinto animal de agressão. A obra teve o destino de toda poesia marginal que irrompe no cenário literário como emblema de rebeldia, contrariando, não só a métrica, mas, principalmente os valores da estética predominantes na época.

A ausência quase total de biografia sobre Lautréamont envolveu seu autor numa auréola de mistério, o que impossibilita qualquer interpretação do poema pelo viés da psicologia, da psicanálise ou da inserção de seu autor no contexto social e cultural da época. Mas, o que poderia parecer uma dificuldade é, a nosso ver, promissor, pois seguindo Bachelard, deve-se desprezar a vida do poeta e analisar a obra, levando em conta, apenas, o impacto literário provocado pelas palavras e pelo conteúdo narrativo e poético do próprio texto.

O objetivo do trabalho é tentar compreender o sentido dos versos lautreamontistas, retomando, para isso, a obra bachelardiana denominada Lautréamont que foi publicada em 1940 e na qual o filósofo ressaltava alguns aspectos importantes inerentes ao poema. Bachelard mergulha no universo ducassiano com maestria e perspicácia, conseguindo, assim, apontar a linha de força que emana do poema em prosa de Isidore Ducasse. Destaca nos versos ducassianos, uma fenomenologia complexa, calcada na agressão e na crueldade e que tem origem na natureza profunda das paixões humanas e na primitividade da consciência. A leitura bachelardiana batiza essa animalidade primitiva de *complexo de Lautréamont*, ressaltando seu aspecto marcadamente imaginário que se manifesta no poema, através de impulsos monstruosos e cruéis e que são provenientes de uma região recôndita do ser humano.

Nossa meta primordial será, portanto, tentar captar o verdadeiro sentido do poema de Lautréamont, ressaltando a noção de imaginação que perspassa os seus versos. Duas noções que constituem, a nosso ver, pressupostos fundamentais do pensamento

de Bachelard, vão servir de diretrizes de nossa análise. São elas: a noção de tempo como instante e a noção de imaginação material. Acreditamos que a retomada destes pressupostos pode contribuir para uma compreensão melhor da poesia primitiva e visceral de Isidore Ducasse.

O poema ducassiano se apresenta como a tentativa de reconstituição de um longo sonho, no qual os diversos pedaços nos são revelados através de uma narrativa entrecortada de lacunas e de descrições, muitas vezes contraditórias, nas quais deixa de ter importância o tempo e o lugar em que aconteceram. O leitor sente-se, de imediato dominado por uma sensação de estranheza e de exclusão que o afasta do mundo cotidiano e de vigília, fazendo-o penetrar na dinâmica de um pesadelo que se manifesta como verdadeiro delírio. Há, por outro lado, nos versos de Lautréamont, um tal poder de encantação e de sedução que atrai o leitor, conduzindo-o numa aventura fantástica no mundo do imaginário, um mundo que pode ser encontrado nas profundezas mesmas do ser humano, numa região na qual residem as origens do fabuloso onírico. A sensação de *déjà vue* advém do fato de que a leitura do poema promove o reencontro do leitor com sua interioridade mais profunda.

Tudo isso é reforçado no poema por uma linguagem absurda, apesar de grandiloquente, a única linguagem capaz de expressar o mundo do devaneio e do sonho. Através de uma escrita que não se submete ao rigor da razão, os versos lautreamontistas descrevem criaturas que vivenciam a angústia, a destruição e a chacina.

A nosso ver, a noção bachelardiana de tempo como instante perpassa todo o poema. Conforme se sabe tempo, para Bachelard, o tempo não é, como preconizava Bergson, duração, mas é descontínuo e tem a vida do instante, pois emerge num impulso para em seguida morrer.

O tempo do lautreamontismo é produzido pelo ser que ataca, no plano em que este pretende afirmar sua violência. Pode-se dizer que o ser agressivo

vo cria seu tempo, apossa-se dele, não havendo, assim, uma espera nem uma ação que continua.

A obra ducassiana descreve os ritmos do pesadelo, revelando, através de seus versos, que a agressão carniceira e cruel é a metáfora da temporalidade bachelardiana do instante. Na narrativa, plena de lacunas e ausências, a continuidade e a cronologia temporal, indispensáveis a toda história, são intencionalmente afastadas. Os versos de Lautréamont tem uma única preocupação, a de descrever as ações instintivas e monstruosas dos animais e do homem, aí representado pela figura de Maldoror.

Nos versos ducassianos, o tempo estilhaçado em instantes se faz poesia, sem que haja preocupação com a idéia de duração. Renegando a história, o poema canta o mundo no seu acontecer presente e ritmado, na sua ação impulsiva e dinâmica. Da obra lautreamontista emana a força de uma poesia nervosa que explode em fragmentos convulsivos de tempo, através do relato de agressões animais.

A leitura do poema torna evidente que o tempo da agressão e da crueldade é um tempo especial, um tempo reto, dirigido, um tempo que nenhuma ondulação consegue curvar e que nenhum obstáculo faz hesitar.

No segundo capítulo de seu livro, Bachelard faz um estudo sobre o Bestiário de Lautréamont. Retoma, através de uma análise atenta e perspicaz, os animais que aparecem na narrativa ducassiana, como o caranguejo gigante e o piolho. Mostra que o tempo dos atos monstruosos cometidos por esses animais é sempre um tempo interrompido, fragmentado em ações convulsivas e nervosas, o que dá ao instinto de agressão e de crueldade maior vigor e intensidade. Diz Bachelard:

Com Lautréamont, estamos nos atos descontínuos, na alegria explosiva dos instantes de decisão. Porém esses instantes não são meditados, saboreados no seu isolamento; são vividos na sua sucessão sinco-pada e rápida. (...) A poesia ducassiana é um cinema acelerado, ao qual seriam pro-

positadamente retiradas as formas intermediárias indispensáveis. (BACHELARD, 1986, p. 23).

A metamorfose ocupa um lugar de destaque nos versos de Ducasse, vindo reforçar, a nosso ver, a idéia de que o poema é a expressão literária da tese da temporalidade bachelardiana do instante. Para mostrar isso, é importante retomar a comparação que Bachelard faz entre a metamorfose de Kafka e a de Lautréamont. A metamorfose de Kafka se passa num tempo que morre em um pesadelo de lentidão e impotência. Na obra kafkaniana, Gregor, transformado em inseto, vive num tempo que é lentidão, num tempo que não tem futuro, sua vontade é voltar ao passado. A preguiça orgânica de Gregor é a expressão de um tempo que é ausência de vontade e consequentemente ausência de ação.

Como se pode perceber tem-se com Lautréamont o pólo inverso da metamorfose de Kafka, pois esta se manifesta como uma aceleração vital, sendo urgente, direta, e se realizando com rapidez e de forma instantânea nos animais. A metamorfose ducassiana não é jamais descrita através de um estudo psicológico, pois este implicaria num relato, cujo pressuposto é a vivência de uma lentidão que estaria submetida, portanto, a um tempo continuado, a um tempo que se prolongaria na angustia e na dor. No poema de Lautréamont, as formas são descritas como paragens bruscas e irregulares e necessitam ser vividas na sua rapidez. Conforme afirma Bachelard:

Na nossa opinião, Kafka sofre de um complexo de Lautréamont negativo, noturno, negro. (BACHELARD, 1986, p.17)

O segundo pressuposto bachelardiano que vamos retomar como diretriz de nossa reflexão é a noção de imaginação material que aparece como uma constante na obra do filósofo. Em *L'eau et les rêves*, (BACHELARD, 1997, p.2) Bachelard distingue dois tipos de imaginação, a imaginação formal que se volta para as arestas exteriores e geométricas do objeto e a imaginação material, descrita por ele, como aquela que pretende o domínio mesmo sobre a intimidade

da matéria e consegue, assim, recuperar o mundo como provocação, como resistência, estimulando o trabalho ativo e transformador da natureza. Retomando esta distinção, vamos discutir alguns aspectos levantados por Bachelard, com o intuito de ressaltar no poema ducassiano, a materialidade manifesta que emana de seus versos e se impõe como coeficiente de adversidade, constituindo, assim, a fonte onírica e artesanal do lautreamontismo.

A crítica de Bachelard ao vício da ocularidade pode nos ajudar a compreender o sentido de *imaginação material*. A *ocularidade*, marca preponderante da tradição científico-filosófica levou ao privilégio da visão, em detrimento do corpo e da materialidade, fazendo com que os filósofos elegessem a *imaginação formal* como sendo a verdadeira forma de imaginação. Exaltando a força da *imaginação material*, Bachelard vai mostrar que a função imaginante deve ter como meta recuperar o mundo como resistência. O mundo, em lugar de ser contemplado ociosamente como espetáculo, deve ser apreendido pela concretude e pela materialidade, fazendo da relação homem-mundo um confronto, um corpo a corpo, no qual a matéria aparece como resistência e o homem como mão obreira que pretende a dominação desta, através do trabalho.

Em *Les Chants de Maldoror*, a imaginação material torna-se cenário de fundo. As situações de confronto com o mundo e com os outros, fazem da índole agressiva a marca primordial desta poesia energética e transgressora. Lautréamont, recusando as poéticas visuais e panorâmicas, provoca o leitor com versos que, por serem próximos da miséria humana, tornam-se mais dinâmicos e vigorosos. Desde as primeiras páginas, percebe-se que a paisagem onírica de Ducasse revela um gosto pela matéria bruta e desnuda, pois ao longo do poema é ressaltado exaustivamente o aspecto de hostilidade e confronto com o mundo. Carregados de energia vital, os versos ducassianos tornam-se mensageiros de uma materialidade primitiva, fazendo com que o leitor consiga apreender de imediato a beleza muscular que emana do poema.

A *imaginação formal* não pode ter lugar num texto, onde a agressividade é presença constante. Profundamente visceral, a poesia lautreamontista, emerge das profundezas recônditas do ser humano, tem origem nos impulsos primitivos, é a revelação da violência no seu estado puro, na sua forma animal, uma violência que, carregada de dinamismo, só pode ser expressa por uma imaginação eminentemente material.

Retomando mais uma vez o estudo bachelardiano sobre o Bestiário de Lautréamont, nota-se que as imagens aí descritas têm origem num pólo vital da consciência que se inscreve na matéria animada e se realiza através de formas animais e de atos de agressão e crueldade. No poema, o instinto de agressão animal aparece sempre associado aos órgãos de ataque, órgãos como a garra e a ventosa, o que nos faz concluir que o instinto de agressão está, no poema, fortemente relacionado com a noção de *imaginação material*, pois nesta somente o ato biológico é decisivo.

Os animais ducassianos com suas garras, bicos e ventosas simbolizam a a dinâmica da agressão, fazendo da *imaginação material* a matéria de seus versos, a meta de sua beleza onírica.

Acreditamos que a leitura do poema lautreamontista leva a uma conclusão inevitável. A verdadeira imaginação deve se libertar do jugo da representação, sempre referida à realidade sensível. Resistindo às imagens que, provém da vida cotidiana e são regidas pela ocularidade, a imaginação deve se fazer corpo e resgatar a primitividade que habita no interior de cada ser humano.

A socialização e a educação, tendo como meta favorecer o convívio humano em sociedade, procuram sufocar os instintos e a primitividade, criando, assim, um eu superficial que age segundo regras aprendidas. Dessa forma, submete o homem ao tempo da vida, ao tempo linear e horizontal que vai permitir ao ser humano sua inserção na história e na sociedade.

O Conde de Lautréamont nos ensina, pois, como superar, através da poesia, os níveis mais superficiais da consciência, impostos pela cotidianidade e

pela socialização, resgatando, assim, nas profundezas da alma humana, a linha de força da imaginação. Afastando-se das imagens sensíveis e reprodutoras, Lautréamont faz da imaginação um grito de liberdade que através de seus versos descreve a concretude e a materialidade do mundo, fazendo com que a riqueza do tempo explodisse numa convulsão de ritmos frenéticos.

Gostaríamos de terminar citando Bachelard, quando, referindo-se ao poema de Lautréamont, diz:

temos que nos distanciar dos livros e dos mestres para podermos reencontrar a "primitividade poética". (BACHELARD, 1986, p.54)

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *La dialectique de la durée*, Paris, PUF, 1950.

_____. *L'intuition de l'instant*, Paris, Editions Denoel, 1985.

_____. *Lautréamont*, Paris, Librairie José Corti, 1986.

_____. *La terre et les rêveries de la volonté*, Paris, Librairie José Corti, janvier 1986.

_____. *L'eau et les rêves: essai sur l'imagination de la matière*, Paris, Librairie José Corti, 1997.

BLANCHOT, M., GRACO, J. et LE CLEZIO, J.-M.G. *Sur Lautréamont*, Paris, Editions Complexe, 1975.

BARRETO, Marco Heleno. *Da epistemologia à estética – o nascimento da vertente noturna em Bachelard* in Revista Kriterion n° 90, Belo Horizonte, dezembro/1994. P.56-69.

CONTE DE LAUTRÉAMONT. *Les chants de Maldoror*, Paris, Flamarion, 1990.

